

os bastardos de hitler

francisco ramalheira



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

«O povo que não conhece a sua história
está condenado a repeti-la.»

EDMUND BURKE

**PARA A ISABEL E PARA O LORENÇO —
OBRIGADO POR EXISTIREM**



PREFÁCIO



Cresci a ouvir falar do Holocausto. Apesar de não ser oriunda de uma família judia, o meu pai tinha uma verdadeira obsessão pelos horrores da Segunda Guerra Mundial, transmitindo-nos desde muito cedo o seu detalhado conhecimento sobre este período da História. Não era um tema de conversa comum nas famílias portuguesas. Atribuo este interesse do meu pai ao facto de ter crescido durante a guerra, mas também às ideias progressistas que circulavam no colégio onde estudava em Lisboa.

O Holocausto não era apenas falado; a vasta biblioteca do meu pai sobre o tema incluía exemplares de fotografias para que nunca esquecéssemos o que os seres humanos eram capazes de fazer à sua própria espécie. Recordo, em particular, um livro de fotografias intitulado *A Deportação*, da Fédération Nationale des Déportés et Internés, Résistants et Patriotes, editado em Portugal pelas Edições Europa-América, que demorei muitos anos a conseguir folhear na sua totalidade, de tal forma as imagens eram arrepiantes.

Assim, quando o Francisco Ramalheira me convidou para escrever o prefácio de *Os Bastardos de Hitler*, fiquei muito honrada e extremamente curiosa. Porém, não esperava ser particularmente surpreendida por revelações inesperadas sobre um dos períodos mais sinistros da História.

Estava enganada.

Apesar de a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto serem dos te-

mas mais tratados em literatura, no cinema e em estudos e compêndios de História, creio poder dizer com alguma certeza, depois de ter lido este romance, que há uma área que foi largamente ignorada ao longo de décadas: o destino dos órfãos do conflito que dilacerou a Europa em meados do século xx.

Saúdo o Francisco Ramalheira por trazer aos leitores portugueses um romance histórico que tem como protagonistas essas crianças que perderam tudo. Através de uma narrativa fluida, dura e realista, mas de grande sensibilidade, o leitor é levado a vivenciar as experiências dos mais frágeis entre as mais frágeis vítimas da guerra, para quem o horror não terminou com o final do conflito. Permaneceram como o elo mais débil face aos interesses dos Estados e à falta de escrúpulos de todos quantos se queriam aproveitar da sua vulnerabilidade.

O que mais me sensibilizou neste romance talvez tenha sido a forma hábil como o Francisco conseguiu compor personagens muito credíveis, que aliam a dureza, natural devido aos traumas por que passaram, com a frescura e a alegria que não perderam inteiramente. Os meninos a quem o Francisco deu vida comovem-nos, mas também nos fazem sorrir com a sua capacidade de adaptação às dificuldades quotidianas e à frequente alteração do seu destino, com um misto da precoce maturidade a que a vida os forçou, fazendo-os crescer demasiado depressa, e da inocência e da esperança, próprias da infância e da juventude.

Não é fácil a um adulto recordar como funciona a mente de uma criança, menos ainda recriá-la por palavras, particularmente tratando-se de meninos com experiências de vida tão distantes da maioria de nós. Mas o Francisco conseguiu fazê-lo.

Ao longo de várias dezenas de páginas, visualizamos e sentimos estas personagens com muita nitidez, na sua diversidade de origens, histórias, temperamentos e idades, apesar de unidas por uma tragédia comum. São capazes de compreender rapidamente as prioridades da vida de uma forma que os adultos há muito esqueceram.

Paralelamente, as personagens adultas revelam o mesmo rigor na caracterização, mostrando-nos o talento do Francisco como escritor e o seu conhecimento da alma humana. Acredito que ambas as qualidades têm de coexistir para se escrever um bom romance, pois a ficção trata, acima de tudo, de pessoas.

Um outro aspeto deste romance que faço questão de destacar é a rigorosa e detalhada pesquisa histórica. Não sendo um assunto muito tratado,

toda a investigação prévia à escrita deverá ter sido um processo longo, difícil e, certamente, muito frustrante também, devido à escassez de informação em torno desta temática. Saliento os muitos factos narrados, mas também a descrição minuciosa de lugares e ambientes em vários países da Europa no pós-guerra.

Para terminar, não querendo desvendar uma das grandes surpresas que este romance contém, direi apenas que se revela de particular interesse para os leitores portugueses pela inesperada ligação ao nosso país, que muito enriquece a narrativa.

Os Bastardos de Hitler recorda-nos que, mesmo em plenas trevas, o Sol nunca deixa de voltar a nascer, e que o ser humano é tão capaz da mais abominável malvadez como de admiráveis atos de bondade. Este romance é, para mim, uma ode à esperança, talvez o único pilar que permite a sobrevivência aos que têm a infelicidade de ser vítimas da barbárie humana.

I S A B E L M A C H A D O

PRÓLOGO



No dia 8 de maio de 1945, uma euforia desregrada e inebriante espalhou-se a uma velocidade vertiginosa pelo mundo. Os nazis tinham sido, finalmente, derrotados.

Depois de tanto tempo mergulhadas no caos e no medo, as ruas de Londres, Paris, Moscovo e Nova Iorque encheram-se de milhares de pessoas que, comovidas e em êxtase, festejaram o fim da Segunda Guerra Mundial. Durante seis longos e penosos anos, a doutrina sangüinária, elitista e discriminatória de Adolf Hitler assassinou mais de setenta milhões de pessoas, destruiu famílias, traumatizou e mudou a vida de boa parte da população mundial e obrigou jovens a matar e a lutarem numa guerra que não compreendiam.

Todavia, apesar do sentimento de alegria e alívio que grassava na Europa, boa parte do território do Velho Continente era um campo de ruínas. Bombardeamentos acéfalos reduziram a pó e a escombros séculos de cultura e civilização e, nas ruas, o cheiro pestilento e nauseabundo da morte ainda pairava no ar. Uma guerra tão longa e tão terrível teria de trazer uma vasta miríade de consequências nefastas para aqueles que sobreviveram.

Principalmente para as crianças.

Elas eram quem sofria de forma mais intensa e silenciosa. A tenra idade tornava-as especialmente vulneráveis, não só a doenças e aos efeitos da fome, mas também aos danos colaterais e posteriores da guerra.

Aquelas que tinham mais sorte assistiam ao regresso do pai inválido ou, pelo menos, tinham algum familiar vivo que lhes desse guarida e proteção. Os menos afortunados viram-se em situações de orfandade e mendicidade. E, para sobreviverem, tinham de se tornar adultos à força, numa idade em que ainda deviam estar a brincar com os amigos na rua e mereciam ter uma vida livre de preocupações.

Findada a guerra, era exatamente nas ruínas das grandes cidades e proeminentes vilas europeias que deambulavam centenas de milhares de crianças. Sozinhas, esfaimadas, sujas, andrajosas e piolhosas. Muitas eram demasiado novas para se lembrarem do mundo em paz. Procuravam, tantas vezes em vão, comida, abrigo e conforto numa sociedade destruída pela maldade e perfídia dos adultos. Estas eram as crianças que haviam perdido a inocência ao tentarem sobreviver num mundo caótico e que lhes viram ser sonegados direitos que deveriam ser inalienáveis. Como o direito a terem uma família.

Estes meninos e meninas eram conhecidos como os «bastardos de Hitler». E para eles a guerra não terminou quando o Alto Comando da Wehrmacht assinou em Berlim a rendição do Terceiro Reich perante os Aliados.

Uma guerra só termina quando a sobrevivência deixa de ser uma luta diária.

OS IRMÃOS SOBREVIVENTES

(21 de março de 1947)



Espera por mim, mano!
Lewi afastou o cabelo dourado, sujo e desgrenhado, da face e suspirou fundo.
— Se largasses esse saco de pulgas, conseguias correr mais depressa.

Hanna franziu o sobrolho e fez uma careta que encarquilhou o nariz e semicerrou os olhos ramelosos.

— Dizes isso, mas sei que gostas muito do *Ranhoso*. Bem te vejo a fazeres-lhe festas! E também roubas comida a contar com ele!

— Podias era ter escolhido um nome mais bonito para o gato... — replicou o menino que, naquele dia, completava nove anos.

Enroscado no colo da menina de seis anos, um gatinho preto soltava um miado agudo, ao mesmo tempo que arrebitava as orelhinhas triangulares, aninhando-se na ânsia de encontrar calor naquela madrugada gélida em Salzburgo.

— Tu é que lhe deste o nome — reclamou a pequenita. — Quando o encontrámos era isso que lhe chamavas!

Lewi sorriu. O pequeno gato preto fora presenteado com esse epíteto pois, na altura, quisera enxotá-lo. A última coisa de que precisava era mais uma boca para alimentar. Já era tão difícil conseguir arranjar um naco de pão duro para a sua mana... Mas o gatinho seguia Hanna para todo o lado e ela afeiçoou-se-lhe de tal forma que Lewi não conseguiu encontrar no

seu coração a força necessária para dizer à irmã que teria de abandonar o *Ranhoso* à sua sorte.

— Mas se não te despachas, quando chegarmos à padaria já não vai haver nada para nós.

Ciente da veracidade das palavras do irmão, Hanna cerrou os dentes e estugou o passo. Só de imaginar o cheiro a pão quente sentia a saliva a chegar-lhe à boca.

— Corre, mano! — gritou, enquanto saltitava com o *Ranhoso* nos braços. — Quero dar um beijinho ao senhor Jakob.

— E aproveitas para lhe pedir mais um bocadinho de pão, não é? — replicou Lewi, com um sorriso travesso nos lábios.

* * *

— Vais à falência, Jakob... Vivemos tempos difíceis. A guerra acabou, mas a ajuda dos americanos não dá para alimentar toda a gente. Começo a duvidar de que, algum dia, voltemos a viver em abundância...

O velho padeiro encolheu os ombros. Sabia que aquela velha rezingona tinha razão. Já perdera a conta às noites que fora para a cama com o estômago a reclamar, para poder ter mais pão para oferecer às crianças no dia seguinte.

E, mesmo assim, nunca há para todas...

— Prefiro a inquietação de um estômago vazio do que não conseguir pregar olho porque sei que há crianças a dormir na rua e sem nada para comer — acabou por responder, com um encolher de ombros. — Ainda para mais no inverno. Os catraios já têm frio, não podem ficar também esfaimados. Para muitos, o bocado de pão que lhes dou de manhã é o único alimento que têm durante o dia.

O semblante da velha contorceu-se numa careta reprovadora, mas não teve tempo para responder, devido ao ressoar desafinado da sineta por cima da porta da padaria.

— Bom-dia, senhor Jakob! — ouviu-se um par de vozes joviais que, de imediato, iluminaram a velha e bolorenta padaria.

— Olá, meninos! — O rosto enrugado do padeiro iluminou-se com a visita.

— Aqui está tão quentinho — disse o menino de faces rosadas, soprando baforadas de ar quente para as mãos enregeladas e mal cobertas pelas luvas esburacadas.

— O meu mano hoje faz anos! — explicou Hanna, com entusiasmo. *Ranhoso* acompanhou a felicidade da dona com um miado.

— Mas não queremos pão a mais — prontificou-se Lewi a acrescentar, vendo o sobrolho franzido de Maja, a decana mal-encarada que o observava por cima das lunetas empoeiradas. — Já ficamos muito contentes com um pãozinho.

Comovido, o padeiro acabou de limpar as mãos farinhentas ao avental, abriu os longos braços peludos e envolveu a criança num abraço apertado.

— Muitos parabéns, meu menino — desejou com a voz embargada, sentindo os bracitos enfezados da criança a apertá-lo.

— Obrigado.

— Também me pode dar um abraço, senhor Jakob?

Sem largar Lewi, o padeiro esticou o braço esquerdo na direção da pequenita ciumenta, trazendo-a para aquele abraço que agora era coletivo. O aniversariante podia jurar que vira Maja lacrimejar.

Quando o abraço cessou, Jakob pegou numa bandeja de pãezinhos fumegantes e mostrou-a aos irmãos.

— Cheiram tão bem! — disse Hanna com os olhos azuis a brilhar.

— Consegui arranjar um bocadinho de canela no mercado. Já não fazia estes pãezinhos há muito tempo, espero que gostem.

— Ainda há tantos!

— Hoje foram dos primeiros a chegar, Hanna.

— Mesmo assim só vou levar um — replicou a menina, sem tirar os olhos dos pãezinhos.

— Mas, se puder ser, passamos cá no final do dia, senhor Jakob — disse Lewi, com os seus límpidos e suplicantes olhos azuis a cintilar. — Se, por acaso, tiver sobrado qualquer coisa, eu e a mana podemos jantar.

— E o *Ranhoso* também! — acrescentou a menina.

Jakob sorriu e, enquanto lhes prometia que ficariam com as sobras, congeminava um plano para convencer a sua esposa a ter uma refeição preparada para quando as crianças lá voltassem. Não deveria ter mais do que um caldo aguado com umas farripas de couve, mas era sempre melhor do que irem para a cama de barriga vazia.

Com um sorriso que só as crianças sabem fazer, Lewi e Hanna despediram-se de Jakob e de Maja, saindo aos pinotes da padaria. O padeiro não pôde deixar de notar que as roupas do rapaz já não lhe serviam, deixando-lhe os tornozelos desnudos, enquanto as da menina, além de esburacadas

e remendadas, eram exageradamente compridas e tinham pertencido claramente a Lewi.

Quando a sineta da porta deixou de fazer barulho, a velha de nariz aquilino e olheiras pronunciadas suspirou fundo.

— Não tens emenda, Jakob. Nem quero imaginar o que gastaste para fazeres esses pãezinhos. Eu bem vi ontem, no mercado, o preço a que estão a vender o centeio.

— Isto agora vende-se bem, não há problema.

— Para compensar os gastos que tiveste, terias de os vender a um preço demasiado alto para o que as pessoas podem pagar. Vais ter prejuízo, Jakob. Aposto o meu mindinho em como sabias que aquele fedelho fazia anos hoje.

O padeiro não lhe respondeu, limitando-se a apertar o avental à volta da cintura emagrecida e a voltar à cozinha.

— Só estou preocupada — insistiu Maja, levantando a voz. — Já nos conhecemos há muitos anos. Não gostava nada de te ver passar por ainda mais dificuldades.

O padeiro rodou tão depressa sobre os calcanhares que Maja assustou-se.

— Estes são os meninos Hoffman Rosatowski — rosnou ao pegar no rolo da massa. — Sabes o que aconteceu aos pais deles, não sabes?

A velha sabia. Tinham sido apanhados pelos Einsatzgruppen, os esquadrões nazis que matavam judeus, ciganos e oponentes políticos a sangue-frio na Europa de Leste. Os nazis chamavam-lhes «operações de pacificação».

— És um bom homem, mas não vais conseguir salvar toda a gente. Não tens esse poder.

— Eu sei, só que aqueles miúdos não têm ninguém a olhar por eles. E eu apenas lhes dou pão. Só isso. Se pudesse, fazia muito mais. Mas é como dizes: não tenho esse poder. E aqueles que o têm parecem ter uma noção do que é importante muito diferente da minha.

Maja olhou para o cenho franzido do amigo de longa data. Ainda se lembrava dele, com uma pança proeminente, a embelezar a montra com dezenas de pãezinhos e bolos. Agora, o corpo do padeiro já não tinha qualquer réstia de tecido adiposo e as montras estavam mais despidas do que a cabeça de Jakob. Mas isso fora antes da guerra. Noutra vida.

Eu também era bem roliça... E agora pareço um cadáver que anda e fala.

— E que cara é essa? Estás mais carrancudo do que de costume.

— Estou preocupado — confessou com um suspiro. — Vieram poucas crianças buscar pão... Nos últimos dias têm vindo cada vez menos. E há meninos e meninas que já não vejo há algum tempo.

A velha de vestes negras e cabeleira alva abriu a boca de espanto e temor.

— O q-que queres dizer, Jakob?

— Quero dizer que aqueles rumores de que andam a raptar crianças... se calhar são verdadeiros.

— Mas a guerra acabou! Os alemães já não têm capacidade para andar a raptar crianças. Tomara eles terem comida para alimentar as que já têm. Quem mais seria capaz de tamanha atrocidade?

— O Homem é capaz de cometer as maiores atrocidades. Percebemos isso durante os seis anos em que aquela guerra idiota e sangrenta lavrou pela nossa Áustria e pela Europa.

A INFÂNCIA ROUBADA



Estava uma manhã gélida. Susan Thames Pettiss apertava o casaco de malha contra o peito, numa tentativa vã de se aquecer. Contudo, apesar dos ossos enregelados, era impossível não esboçar um sorriso ao contemplar as montanhas verdejantes que se espriavam pela janela daquele gabinete em Aschau.

— A Baviera é mesmo bonita... — murmurou, sem tirar os olhos do brilho cintilante que a luz suave da madrugada refletia na fina camada de geada que cobria as casas e os pastos.

— Não me imagino a viver noutro sítio — replicou Gertrude Stein, uma das diretoras do campo de refugiados de Aschau. — Muito obrigada pelo camião de alimentos que trouxeste, Susan. Vai ser fundamental para alimentar as nossas crianças.

O sorriso no rosto de Susan esmoreceu. Tanto ela como Gertrude sabiam que aqueles mantimentos eram manifestamente insuficientes para as necessidades de Aschau. Todavia, a verdade era que, no final daquele inverno, a alegria jubilosa que decorrera da capitulação germânica e dos respetivos acordos de paz já se esfumara, e a Europa encontrava-se novamente à beira do abismo. E tudo devido à falta de alimentos, que tornava a luta pela sobrevivência numa missão diária para milhões de habitantes do Velho Continente.

— Sei que trouxeste o máximo que conseguiste — disse a diretora,

tentando animar a sua jovem colega. — Mas este inverno foi demasiado rigoroso! Segundo os jornais, foi o mais frio desde 1880. A neve aumenta a escassez de alimentos, entope as estradas e impede o carvão de ser transportado. As indústrias europeias nunca produziram tão pouco.

Isto não era novidade para Susan. Ela própria conseguira boa parte dos víveres que trouxera nos mercados negros que floresciam nas esquinas obscuras das capitais europeias. Susan sabia que os alimentos ali comprados provinham de agricultores espoliados ou de esquemas pouco honestos, mas eram muito mais baratos do que se encontrava nos mercados, onde os preços estavam terrivelmente inflacionados.

— Mais uma razão para aqueles americanos serem mais generosos — protestou Susan. — O país deles não foi destruído pela guerra e os deuses do tempo foram-lhes simpáticos neste inverno. Eu sei que foram eles que criaram a nossa organização, mas precisamos de mais ajuda.

Gertrude dizia com orgulho que pertencia à agência internacional criada em 1943 com o nobre intuito de prestar ajuda humanitária. Terminada a guerra, a United Nations Relief and Rehabilitation Administration (mais conhecida como UNRRA) tornou-se parte integrante das Nações Unidas e foi-lhe dada a missão de alimentar os refugiados, os apátridas e todos aqueles que ainda não tinham conseguido organizar a sua vida no pós-guerra. Contudo, apesar do trabalho louvável dos milhares de médicos, enfermeiros e assistentes sociais voluntários, que fizeram da causa humanitária a sua vida, Gertrude era obrigada a reconhecer que não havia comida, roupa, medicamentos e abrigo para todos os refugiados da maior tragédia humanitária a que o planeta já assistira.

O trabalho era muito e os voluntários eram poucos. Esta carga de trabalho aumentou ainda mais de intensidade quando a UNRRA recebeu uma nova incumbência: repatriar crianças perdidas. Esta era a missão de Susan Pettiss.

— A guerra já acabou há dois anos, minha querida — disse Gertrude. — Os americanos já ficaram bem na fotografia ao criarem a UNRRA e a sua ajuda foi fundamental para muitos europeus sobreviverem ao inverno de 1946. Mas, agora que já se passaram dois anos desde o fim da guerra, o foco mediático está noutros sítios. E, quando isso acontece, a ajuda esmorece.

Susan sentia a revolta remexer-lhe as entranhas sempre que começava a perceber como funcionava aquele mundo. Um mundo de aparências e interesses. Um mundo que a enojava.

— Tudo isso está errado, Gertrude. Muito errado. Precisamos de ajuda mais do que nunca! A cada viagem que faço, encontro mais crianças... — confidenciou, num timbre embargado e frágil. — E as condições em que vivem são de ficar com o coração despedaçado. Não imaginas o que encontrei no mosteiro que sinalizámos em Gdansk...

Gertrude não queria saber. Adorava receber novas crianças em Aschau, mas não fazia questão de conhecer a sua proveniência. Sentia um ódio visceral de todos aqueles que maltratavam crianças e ouvir as histórias das assistentes que estavam no terreno agoniava-a e revoltava-a. Infelizmente, a narrativa do mosteiro de Gdansk fora das mais horripilantes que ouvira. Afinal de contas, os maus-tratos tornam-se ainda mais tenebrosos quando são cometidos por aqueles que prometeram dedicar a sua vida à ajuda ao próximo.

— Muitas das minhas colegas não têm estômago para enfrentar as situações delicadas que encontram, nem jogo de cintura para lidar com as bestas malformadas que mantêm estas crianças em cativeiro — explicava Susan. — Muitas são verdadeiras prisioneiras e são exploradas até à exaustão e os seus captores, naturalmente, não as querem entregar. Precisamos de mais técnicos e de pessoas mais adequadas para estas funções!

— A UNRRA está longe de ser perfeita — respondeu Gertrude. — Mas não tenhas dúvidas de que o nosso trabalho está a ser fundamental na recuperação da Europa Oriental e Meridional.

— Mas podemos fazer muito melhor...

— Sem dúvida — replicou a diretora com um sorriso aberto. — Contudo, acredito que basta conseguires ajudar uma criança para tudo isto fazer sentido. E tens ajudado tantas, Susan. Só desta vez trouxeste-me dez crianças lindas para o Campo de Aschau. Aqui poderão brincar e ter amigos. Vão ter a oportunidade de ser crianças, enquanto a UNRRA procura as suas famílias. O vosso trabalho é tão importante, minha querida... O teu trabalho é tão importante... Nunca desistas. Por favor.

A jovem assistente social suspirou fundo. Agradecia a Gertrude por aquelas palavras. Estava a precisar delas.

— São todas de pele muito branca, olhos claros e loiras — replicou, enquanto enrolava os cabelos castanhos com o indicador. — É rara a criança que encontro nestes antros que não corresponda a esta descrição.

— Mais vítimas do processo de germanização do Terceiro Reich. Adolf Hitler, do alto da sua *infinita sabedoria* — afirmou Gertrude de

forma irónica —, lá entendeu que estes eram os traços distintivos da raça ariana. A raça superior.

— Ele já era suficientemente demoníaco por advogar tamanha patetice — aditou Susan —, mas chegar ao cúmulo de raptar crianças loiras e de pele clara, com menos de quatro anos, para que não oferecessem resistência e se esquecessem com facilidade da família... É de um grau de maldade que não tem explicação.

— Raptaram crianças à saída das escolas, nos alpendres, e até as que brincavam nas ruas e nos parques, ou que corriam nos bosques — acrescentou Gertrude, de dentes cerrados.

Susan sentiu as lágrimas a picarem-lhe os olhos. Lágrimas de revolta e mágoa por aquelas crianças e pelos pais que, de um momento para o outro, viram um filho ou uma filha desaparecer para sempre. Era impossível saber quantas crianças teriam sido separadas das suas famílias apenas por terem as características físicas que Hitler preconizava como sendo as de uma qualquer raça superior. Tinha a certeza de que muitas destas crianças nunca seriam encontradas. Outras nunca viriam a saber a sua verdadeira identidade e nunca conheceriam as suas verdadeiras famílias. E, para Susan, aperceber-se disto era esmagador. Com solenidade, levantou-se e, de punhos cerrados e voz embargada, vociferou:

— Ninguém tem o direito de roubar a infância a uma criança. Ninguém!

A CRUEL REALIDADE



O semblante de Martha Jones era dotado de uma palidez doentia. Sabia que aquele desfecho era uma possibilidade, mas tinha esperança de que as conversas de corredor não passassem de boatos infundados.

O que vai ser destas crianças? Há milhares para devolver às suas famílias... O nosso trabalho está muito longe de ficar concluído.

A UNRRA não podia acabar. O seu trabalho era demasiado importante. Era provável que, no seu lugar, fosse criada outra organização para lidar com a questão dos refugiados, mas esta seria, naturalmente, uma organização alinhada com os interesses e prioridades da nova ordem mundial que estava a surgir. E Martha temia que as crianças perdidas deixassem de ser consideradas prioritárias. Deste modo, com o fim da UNRRA, milhões de crianças europeias não só não voltariam para casa, como ficariam abandonadas à sua sorte. Sobreviveriam apenas as mais estoicas ou aquelas que tivessem a sorte de serem salvas por algum adulto dotado de uma das características que na última década mais tinham escasseado no Velho Continente: a bondade.

Quando Peter Burrows, o chefe da sua divisão, a avisara de que o seu trabalho estava a terminar e de que, muito em breve, voltaria para casa, Martha esgrimiu o derradeiro argumento. Aquele que sabia que tinha de usar com extrema cautela, não só por não ter provas concretas de tão vil acusação, mas, principalmente, por estar a abordar um assunto de tal forma sensível que poderia prejudicar todo o seu futuro.

— Os soviéticos querem acabar com a UNRRA apenas por razões políticas! — bradou a jovem, num tom que lhe acrescentava alguns centímetros à sua baixa estatura. — Eles defendem que somos uma organização pró-americana e querem ser eles a gerir o repatriamento das crianças que estão em território soviético. Mas o Peter sabe tão bem quanto eu que o objetivo deles não é ajudar os pequenos! Eles perderam milhões de jovens na guerra e agora querem repovoar à força os seus territórios! As crianças com mais de quatro anos vão ser obrigadas a sujeitar-se ao poder e às regras da União Soviética, mas aos mais novos ser-lhes-á retirada a sua identidade, transformando-os em cidadãos soviéticos. E nunca vão poder voltar para casa, nem saber quem são.

Quando se calou, Martha estava ofegante e sentia uma veia da testa sardenta a latejar. Sentia-se tonta e os músculos doíam-lhe como se tivesse corrido uma pequena maratona. Tudo isto por ter injuriado o bloco oriental. Estava ciente de que o mundo mudara a uma velocidade alarmante, sendo difícil acompanhar tudo o que se passava numa nova ordem mundial polarizada em que era perigoso atacar abertamente a política americana ou as atividades soviéticas. Era um risco que a maior parte das pessoas informadas não se atrevia a correr. Havia espíões e delatores em todo o lado e a última coisa que alguém prudente queria seria enfurecer a Casa Branca ou o Kremlin.

Martha estava, por isso, preparada para receber uma repreensão do seu superior. Talvez até a recambiasse mais cedo para casa. Contudo, a reação dele foi totalmente inesperada. Visivelmente cansado, Peter levou os dedos às têmporas enrugadas e, num suspiro, murmurou:

— Ó minha querida... se Estaline fosse o único a cometer essas atrocidades, isto seria tudo muito mais simples. O problema é que não foi apenas a União Soviética a ver a sua população jovem a ser dizimada pela guerra.

— O que quer dizer com isso, Peter?

— Quero dizer que os países aliados europeus também querem usar as crianças alemãs, húngaras, polacas e checoslovacas sem família para repovoarem os seus territórios. Esta é a cruel realidade. As tensões entre os Estados Unidos da América e a União Soviética podem desaguar numa Terceira Guerra Mundial e as maiores nações querem preparar-se. E, para isso, precisam de recuperar a população jovem que perderam a combater os nazis.

Martha sentiu-se sem forças nas pernas e obrigou-se a sentar. A cabeça rodopiava numa tontura quando ouviu as palavras do seu chefe:

— Nos próximos anos, o raptó infantil vai ser um dos maiores flagelos da Humanidade.

A MELHOR PRENDA DE ANOS



Lewi e Hanna correram o caminho quase todo até ao *Covil*. Este exercício matinal não se deveu à pressa de retornarem ao barracão que haviam transformado no seu lar, mas porque era perigoso andar nas ruas de Salzburgo com um bem tão valioso nas algibeiras puídas. Afinal de contas, o cheiro da iguaria chamava a atenção de esfomeados mais velhos e mais fortes, que viam a moralidade ser engolida pelos seus estômagos vazios e roncantes.

— Chegámos! — exclamou Hanna aos saltinhos, depois de o irmão fechar a tranca do barracão. A menina começou a tirar os pãezinhos de canela do bolso, dando uma porção ao gatinho preto que, embalado pelo doce aroma, miava sem cessar e esticava a pata na direção da dona.

— Come devagar — advertiu-a o irmão, que mal fechou a placa de ferro que servia de porta também levou o pão à boca. — Assim não saboreias!

— Mas está tão bom, Lewi! Está quentinho e tudo. Espero que sobrem pães para à noite podermos ir buscar mais um.

Ao ver que os olhos claros do irmão entristeciam, Hanna parou de comer de repente.

— O que foi, mano?

— N-Não foi nada — replicou Lewi de imediato, não querendo partilhar a preocupação que lhe assolava a alma há alguns dias. Por isso apertou, com ternura, os farrapos que a irmã trazia ao pescoço e que lhe serviam

de cachecol, enquanto contava uma mentirinha piedosa. — Estava só a pensar no Gabor e no Wa.

— Achas que lhes devemos guardar um bocadinho de pão? — perguntou a menina, de boca cheia, dividida entre a partilha que devia fazer com os amigos e a vontade de devorar o que faltava.

— Sabes que eles não iriam querer — refutou Lewi, com um sorriso, despenteando os longos cabelos dourados da irmã com duas festas mais vigorosas. — E, de qualquer forma, se bem conheço aqueles dois, o primeiro sítio onde passaram quando saíram daqui foi pela padaria do senhor Jakob.

Feliz por poder engolir o que faltava do pãozinho de canela, Hanna partiu mais um pedaço para o *Ranhoso* e sentou-se no chão, para se regalar com o que restava de tão delicioso repasto. Gostava de viver ali. Não tinha memórias dos pais ou dos tempos da guerra, mas o irmão já lhe tinha contado que, antes da sua mãe e do seu pai desaparecerem, viviam numa casa bonita, pintada de amarelo e com um jardim nas traseiras onde o pai tinha montado um baloiço. Hanna teria gostado de ver essa casa, mas uma bomba transformara-a em escombros. Ela sabia que o irmão tinha muitas saudades da casa, dos pais e da vida que tinham. Às vezes, ouvia-o choramingar à noite. Outras, ouvia-o a ter pesadelos. Hanna gostaria de saber mais coisas sobre a sua família e acerca de um tempo que toda a gente recordava com saudade. Mas não se atrevia a fazer perguntas, porque sempre que o fazia o irmão ficava triste.

E a última coisa que queria era vê-lo triste.

Por isso, não só se habituou a não tocar naquele assunto, como, de forma inconsciente, ficou agradecida por não se lembrar daquele período. Afinal de contas, não era apenas Lewi a ser engolido pela angústia quando se falava do passado. Todos os meninos e meninas mais velhas que conhecia não gostavam de falar desses assuntos. Alguns mais velhos, como Gabor, que ainda tinham memórias de como era a vida antes da guerra, ficavam ainda mais desolados ao recordarem o mundo antes de Adolf Hitler. A única vez que Hanna vira Gabor chorar fora exatamente quando ele pensou que ela já estava a dormir e falou da sua família a Lewi e a Wa. Uma família que nunca mais vira depois de deixar uma coisa estranha chamada «campo de concentração». E quando Hanna lhe perguntou o que era isso, o rosto gentil de Gabor transfigurou-se e disse apenas que era um pesadelo do qual não valia a pena falar. A menina odiara vê-lo naquele estado, por isso nunca mais lhe fez perguntas. Aos seis anos, já sabia que as recordações podiam doer muito.

Hanna era feliz. É verdade que estava sempre com fome e frio, mas tinha os irmãos, o gatinho e os amigos. Não precisava de mais.

— Pronta para fazeres os trabalhos de casa?

— Ó mano... tem mesmo de ser? Tu hoje fazes anos.

— Mas tu não. Já tens seis anos, pirralha! Tens de aprender a ler e a contar.

— Mas a esta hora os nossos amigos devem estar a começar a brincar às guerras de bolas de neve... Ou às escondidas.

— Mais uma razão para te despachares. Ou queres levar reguadas da professora?

Com a imagem da terrível régua de madeira da professora Élina a motivá-la, Hanna presenteou o irmão com um beicinho adorável e foi à gaveta onde guardava o livro que a escola primária lhe dera. Contudo, de repente, a menina começou aos saltinhos, pousando o livro na única mesa que tinham no barracão.

— Primeiro tenho de te dar a tua prenda!

— A minha prenda? — questionou Lewi, de cenho franzido, perguntando a si mesmo o que é que uma fedelha daquela idade lhe poderia oferecer.

Com um orgulho desmedido, a pequena remexeu nos bolsos, tirando do seu interior um cavalinho de madeira.

— Sei que o cavalo é o teu animal preferido! Eu também gosto muito de cavalinhos, mas gosto ainda mais de gatos — tagarelava a menina, recebendo um miado de anuência de *Ranhoso*.

— Foste tu que fizeste? — perguntou o menino, com a voz embargada e as mãos trémulas.

— Claro. Não tenho dinheiro para comprar nada e tu não me deixas roubar.

— E como é que fizeste isto? Está tão bonito...

— A sério que gostaste? Mesmo? — Os olhos azuis de Hanna brilhavam. E o irmão agarrou-a num abraço agradecido, enquanto na sua cabeça só pedia a um Deus qualquer que nunca a separassem dele. — O Gabor ajudou-me com a faca, mas garanto-te que fiz quase tudo sozinha!

Lewi apertou-a ainda mais junto a si. Sentia os olhos a tremelicarem de comoção, quando ouviu a vozinha aguda da irmã dizer:

— Gosto muito de ti, mano.

O aniversariante sentiu-se o menino mais sortudo do mundo. Com afeto, apertou ainda mais a irmã, ouvindo-a murmurar ao seu ouvido as palavras que o fizeram soltar uma gargalhada:

— Posso não fazer os trabalhos de casa?

O DIÁRIO DE UMA VOLUNTÁRIA

(22 de março de 1947)



Ao tomar conhecimento do trabalho da UNRRA, Martha Jones ficou de imediato rendida ao projeto humanitário que ajudava milhões de refugiados.

Em 1943, rogou aos pais que a deixassem partir para a Europa, para também ela poder auxiliar quem mais precisava. Contudo, os seus imberbes dezasseis aninhos foram razão suficiente para o seu pai impedir aquilo que apelidou de «uma loucura típica da juventude», não permitindo que a filha partisse para um continente em guerra.

Todavia, a vontade de Martha não esmoreceu.

E quis o destino que, na véspera do seu décimo oitavo aniversário, a 7 de maio de 1945, o que restava do exército alemão se rendesse às tropas russas. No dia seguinte, enquanto os nazis assinavam o armistício com os Aliados, Martha festejava o fim da guerra e a entrada na maioridade. E, passados apenas três dias, estava a ter formação da UNRRA para aprender a lidar com os refugiados. Um mês depois, embarcava para a Europa.

A decisão não fora tomada de ânimo leve. Martha tinha uma vida boa e confortável em Nova Iorque. Uma família unida e que a amava, amigos e a perspetiva de um bom casamento, com o filho mais velho de um proeminente publicitário da *Camel*¹. Contudo, olhava para o dia a dia da mãe e das amigas e era acometida por uma incontrolável vontade de bocejar.

¹ Marca de cigarros criada em 1913 pela empresa norte-americana R. J. Reynolds Tobacco, muito em voga na Nova Iorque dos anos 40.

As mulheres que conhecia viviam num quotidiano que, para si, era banal e enfadonho, pois limitavam-se a manter o casamento, criar os filhos e ter o jantar pronto para quando o marido voltasse do trabalho.

Queria um rumo diferente. Queria sentir-se útil.

Por isso, inscreveu-se como voluntária com um sorriso no rosto e a crença de que fazia o que era certo e ajudaria aqueles que tanto tinham perdido com tão madrastra guerra. Ainda assim, a certeza não diminuiu a dor da despedida. Um aperto no peito assolou-a ao dar o derradeiro abraço aos pais e aos amigos, e à medida que o barco se ia afastando da costa do país que a vira nascer, lágrimas quentes escorreram-lhe pelo rosto.

A viagem foi demasiado longa e tumultuosa. Martha rapidamente descobriu a sua intolerância à ondulação marítima, vindo incontáveis vezes à amurada despejar o que tinha no estômago. Todos os dias se perguntou se estaria a tomar a decisão certa. Várias vezes por dia.

Mas tudo valeu a pena.

Em primeiro lugar, porque se sentia verdadeiramente útil. Quando lhe perguntaram em qual dos projetos humanitários gostaria de participar, não teve qualquer dúvida: queria ajudar as crianças. Por isso, ficou adstrita à subdivisão conhecida como *Child Tracing Section*², que tinha como objetivo encontrar, resgatar e repatriar crianças abandonadas ou perdidas, ajudando-as a voltarem a descobrir o seu lugar num mundo inóspito e que não lhes estava a ser bondoso.

E, ao chegar à Alemanha, Martha percebeu o quão privilegiada e confortável fora a sua vida até então. Por vezes, é importante sairmos da bolha protetora que nos acolhe para percebermos como funciona o mundo. Martha tinha a certeza de que, embora fossem muitas as noites em que molhava o travesseiro com lágrimas, aquela seria, indubitavelmente, a melhor experiência da sua vida.

E ficou certa disso sensivelmente um mês após a sua chegada, graças a um menino polaco de quatro anos que estava perdido na Alemanha e era oriundo do Projeto Lebensborn. Da autoria de Heinrich Himmler, braço-direito de Hitler e arquiteto do Holocausto, este era um programa destinado a provar e consolidar a teoria nazi da «raça pura», ou seja, a raça ariana. Para isso, foram criadas residências secretas para que homens e mulheres «racialmente puros» copulassem. Caso nascessem com as características físicas desejadas, as crianças eram retiradas às mães para serem

² Tradução: «Secção de rastreamento infantil».

criadas e educadas pelo estado alemão. Hitler estava convencido de que, desta forma, estava a produzir a Alemanha do futuro: uma nação pura e geneticamente perfeita.

O nome da criança era Heiko. E não falava com ninguém. As assistentes sociais não sabiam se era mudo ou se, à semelhança de tantas crianças, tinha perdido o dom da fala devido a um trauma profundo causado pela guerra. Martha não sabia explicar a razão, mas o rapaz parecia ter gostado dela e, com o passar dos dias, ia aproximando-se devagarinho. Aos poucos, começou a dar-lhe a mão e a sentar-se ao seu colo, apontando com o indicador para o seu livro de histórias favorito. Heiko adorava ouvir histórias. E Martha adorava contá-las.

Martha nunca iria esquecer o dia em que o menino de nariz ranhoso e olhos entristecidos lhe chamou «mãe». Foi um misto de pena, tristeza e uma alegria avassaladora. Esta miscelânea de sentimentos antagónicos voltou a ser vivenciada quando a UNRRA encontrou uma tia de Heiko.

Só Martha sabia o que lhe custara colocar o menino num comboio, na companhia de outras crianças cuja família fora encontrada pela UNRRA, em direção a Varsóvia. Heiko não queria ir. Queria ficar com a sua nova mãe. Mas as regras das Nações Unidas eram claras: todas as crianças cuja família fosse encontrada tinham de ser repatriadas. Ao dar um último abraço ao menino, Martha começou a lacrimejar, descontrolando-se e chorando copiosamente à medida que o vapor da locomotiva desaparecia no horizonte.

Mal dormiu e não comeu nos dias seguintes. Porém, ao receber uma carta da tia de Heiko, cujo nome no final vinha assinado com a letrinha do menino, Martha percebeu verdadeiramente qual era a sua missão: ser uma *mãe emprestada* para todas as crianças que não a tinham e ajudá-los a encontrar a sua família.

Por isso, nos últimos meses aceitara todos os tipos de missões, viajando pela Alemanha, Áustria, Checoslováquia e Polónia. Contudo, o último pedido de Peter Burrows não seria fácil de cumprir. Desta feita, não iria trabalhar com crianças resgatadas ou salvas pela UNRRA, mas com meninos e meninas que viviam nas ruas austríacas.

— A tua missão vai ser complicada. Mas tenho a certeza de que vais ser bem-sucedida.

Martha agradecia as palavras de Susan Pettiss, outra jovem que, tal como ela, chegara à UNRRA pouco depois do fim da guerra. Porém, Susan tinha mais experiência naquele tipo de trabalhos.

— Olha para eles como se fossem animais indefesos e assustados — explicava Susan, depois de bebericar um gole de chá quente. — Muitos deles só confiam nos seus pares, ou seja, desconfiam e têm medo dos adultos. Para muitos, os adultos são seres violentos, egoístas e capazes de lhes causar dor.

Involuntariamente, Martha começou a roer as unhas. Não sabia se estava preparada para aquela missão. A breve formação que fizera em Nova Iorque não a preparara para aquilo. Estava habituada a receber crianças nos campos da UNRRA, porém, convencê-las a ir até lá, era outra história. Susan prosseguia:

— As crianças raptadas e que são maltratadas têm de ser retiradas à força do seu meio. Não é o caso destas, que vivem nas ruas e são livres. O melhor para elas e para o seu futuro é virem connosco, mas não devem ser forçadas. Essa será a tua missão, Martha. E não tens muito tempo para a fazer.

— E como é que as convenço de que podem confiar em mim?

— Só tens de gostar delas.

— O quê?! O que queres dizer com isso?

— As crianças são inteligentes e empáticas. A maioria está sedenta de amor e colo. Se, genuinamente, gostares e te preocupares com elas e o seu bem-estar... Ganhas o seu coração.

— E é assim tão simples?

— Podes acreditar que é — replicou Susan, com um sorriso franco e aberto.

— E não vens comigo?

— Quantos mais adultos aparecerem, maior a desconfiança. Além disso, tenho de voltar para a minha missão na Alemanha. Já temos autorização para usar os cinemas, pelo que há muito trabalho para fazer!

— Essa ideia foi fantástica — reconheceu Martha, com entusiasmo. — As fotos das crianças que colocamos nas ruas das cidades só podem ser vistas pelos locais. Se as nossas crianças tiverem a família longe do local onde estão, ninguém as consegue reconhecer. Mas se projetarmos essas fotografias no cinema, antes de o filme começar...

— O país inteiro consegue vê-las. E as probabilidades de encontrarmos as suas famílias crescem exponencialmente — concluiu Susan, com um sorriso triunfante.

As duas amigas recostaram-se nas frágeis cadeiras e suspiraram fundo. Martha tentou servir-se de mais um pouco de chá, mas o bule já estava

vazio. Sentia o estômago às voltas, todavia não se atrevia a comer mais nada. Afinal de contas, já tinha feito três refeições naquele dia, o que era bastante mais do que a maioria dos habitantes daquela cidade.

— Foi-nos dado muito pouco tempo e reduzidos meios para a quantidade avassaladora de trabalho que temos pela frente — constatou Martha. — Precisaríamos de mais uns anos para remendar os estragos feitos pelos nazis.

— Penso que o mundo nunca conseguirá apagar a nódoa que Adolf Hitler deixou.

— Como é possível aquele homem ter chegado a *führer*...

— Foi o povo alemão que o elegeu. Hitler ganhou as eleições, Martha. Não entrou com um carro blindado pelo Reichstag³ adentro.

— Eu sei. Mas como é que os alemães votaram naquele ditador sanguinário?

— Não foi de um momento para o outro. O partido nazi foi, aos poucos, ganhando espaço no panorama político alemão. Foram espalhando discursos de ódio e dizendo aquilo que as pessoas queriam ouvir. E, essencialmente, prometeram restaurar a glória e o orgulho germânicos, perdidos no final da Primeira Guerra Mundial. Quando se deu conta, os nazis já tinham maioria no parlamento. E, poucos anos depois, começava a Segunda Guerra Mundial. O populismo matou a Alemanha e feriu o mundo.

— Hitler e o seu séquito não olhavam a meios para atingirem os seus fins — bufou Martha.

— Não consigo escolher qual foi o ato mais desumano e ignóbil que aqueles crápulas cometeram com crianças. O Projeto Lebensborn, a germanização forçada das crianças... — enumerou Susan, com um arrepio gélido a percorrer-lhe as costas.

— Hitler sabia que, para alcançar a pureza racial, tinha de controlar as crianças — acrescentou Martha, com um esgar de repulsa no rosto.

— Exatamente — anuiu Susan Pettiss. — Para salvarem a «pureza do sangue ariano», os «especialistas raciais» das SS⁴ ordenaram o rapto de crianças com características «arianas», para serem adotadas por famílias alemãs «racialmente corretas». Segundo os nazis, estas crianças iriam ser «germanizadas», ou seja, ser-lhes-ia dada a honra suprema de pertencer à raça superior.

As duas amigas entreolharam-se e suspiraram de forma quase sincro-

³ Nome do palácio onde fica o parlamento alemão.

⁴ Diminutivo de Schutzstaffel, o nome do exército particular dos nazis.

nizada. Já tinham debatido aqueles assuntos algumas vezes, mas sentiam a alma um pouco mais lavada depois de falarem uma com a outra. Quando o sofrimento é partilhado é mais fácil de aguentar.

— Quanto mais tempo passa e mais vamos conhecendo as práticas levadas a cabo pelo Terceiro Reich, mais ficamos chocados com os crimes que eram cometidos — concluiu Susan, interrompendo o mutismo. — Sabias que, durante a guerra, houve milhares de mulheres polacas e soviéticas deportadas para a Alemanha para trabalho forçado?

Martha anuiu. Já tinha ouvido falar que a indústria de guerra alemã recebera muita mão de obra escrava, vinda dos países circundantes e de prisioneiros de guerra.

— Mas se calhar não sabias que muitas destas mulheres acabaram por ter filhos de pai alemão. Várias foram violadas — Martha encolheu-se ao ouvir esta palavra —, contudo, apenas eram autorizadas a dar à luz caso os «especialistas raciais» determinassem que aquela criança era suficientemente ariana. Se não fosse...

— Era morta — completou Martha.

— E se nascesse com as características arianas, as crianças eram retiradas às mães e confiadas a uma família nazi, que as devia educar segundo os valores e os ideais preconizados por Adolf Hitler.

— Monstros... Eram todos uns monstros!

A última palavra veio sob a forma de um grito, que fez a tenda estremecer e levou a que dois colegas preocupados entrassem pela abertura.

— Calma, Martha — aconselhou-a Susan, depois de voltar a fechar a tenda. — Não acredito que a perfídia dos nazis ainda te possa apanhar desprevenida.

— Infelizmente, ainda me consegue surpreender — replicou. Os punhos ainda tremiam com a raiva e a frustração.

— Acalma-te, tens uma missão importante para esta noite.

Martha sabia que a amiga era a voz da razão. Daí a poucos minutos, teria de apresentar o seu relatório a Peter Burrows e solicitar a autorização para ir, sozinha, convencer as crianças de Salzburgo a procurarem ajuda junto da UNRRA.

— E eu também tenho de me despachar. O meu comboio para Munique parte ao final da tarde — afirmou Susan, com um encolher de ombros. — Desde que os Aliados obrigaram ao repatriamento imediato de todas as crianças em famílias de acolhimento alemãs, temos tido ainda mais trabalho.

— E não concordas com essa ordem? — questionou Martha, vendo o semblante franzido da amiga.

— Estamos a falar de vidas. E quando o que está em causa é uma criança, devemos analisar cada contexto individualmente, de forma a que possamos tomar a decisão mais correta. Fazer cumprir uma regra que é igual para todos pode originar casos de grande alegria e outros de tristeza profunda. O contexto é sempre fundamental.

— O que queres dizer?

— Claro que, para a grande maioria das crianças, o melhor é voltarem ao seu país, caso signifique que voltam para casa e para as suas famílias.

— Como é natural — concordou Martha.

— E para as que já não têm família? Ou porque morreram ou porque a UNRRA não as encontrou? Há crianças que vivem bem e felizes nestas famílias de acolhimento alemãs que, aliás, até nós aparecermos julgavam ser a sua família biológica. Estas gentes que receberam crianças oriundas da germanização não têm de ser, necessariamente, fervorosos adeptos da doutrina nazi. Alguns eram simpatizantes, outros tinham apenas as características físicas que Hitler preconizava. Mas, acredita, há crianças nestas famílias que cresceram rodeadas de amor. E a última coisa que querem é serem obrigadas a apanhar um comboio para longe de tudo o que conhecem.

— Nesse caso... o melhor para a criança seria ficar com a família de acolhimento — considerou Martha.

— Decisão lógica, correto? — A voz de Susan estava a ficar ligeiramente estridente. — Contudo, a indicação recebida pela UNRRA era que, mesmo que a criança estivesse bem e feliz... devia ser devolvida ao seu país.

— Então, mas se não encontrámos a sua família...

A suspeita de Martha foi facilmente confirmada por Susan: estavam a tirar crianças bem-adaptadas numa família e num país que julgavam ser os seus, para serem institucionalizadas em orfanatos na sua verdadeira nação.

— Mas isso é de uma ignomínia atroz! E é uma decisão sem qualquer sentido. Em primeiro lugar tem sempre de vir o bem-estar das crianças!

— Imagina o desespero delas quando são separadas à força da família. E a aflição exasperada dos pais adotivos quando percebem que aquela criança que criaram como sua lhes vai ser retirada e o mais provável é que nunca mais a consigam ver. Já temos, inclusivamente, relatos de pais adotivos que se suicidaram depois de verem o seu filho ou a sua filha serem levados de sua casa.

Martha sentia-se a perder a força nas pernas, enquanto era acometida por uma violenta indisposição e uma ainda mais violenta cefaleia. No meio daquela imagem tenebrosa, apenas conseguiu verbalizar duas singelas palavras:

— Que horror...

— A UNRRA é feita de pessoas, logo, tem problemas. Esta foi uma decisão burocrática e tomada por quem está simplesmente atrás de uma secretária e desconhece o terreno.

— É pior, Susan. Podes ser um engravatado que nunca sai do escritório e teres o bom senso de não obrigar crianças a trocar a família que amam por um orfanato. Forçá-las é uma decisão egoísta e desprovida de humanidade.

— Parece que as atitudes ignóbeis não cessaram com o fim da guerra — concluiu Susan, com azedume.

— O Herbert nunca deixaria que tal coisa acontecesse... — considerou Martha, evocando o nome de Herbert Lehman, o diretor-geral da UNRRA que em 1946 renunciara ao cargo devido a problemas de saúde. Na condição de filho de judeus que tinham emigrado para os Estados Unidos, Herbert tinha uma sensibilidade especial para o trabalho da organização.

— Não é qualquer um que aceita abandonar um cargo estável e respeitado, como o de governador de Nova Iorque, para dirigir uma associação humanitária — acrescentou Susan. — É um bom homem. Felizmente, ainda há alguns. Se houvesse mais como ele, este mundo seria um lugar muito mais bonito.

Martha não podia estar mais de acordo. Depois do velho Herbert foi nomeado o senhor Fiorello LaGuardia, ao qual se seguiu, pouco tempo depois, Robert Jackson. Mas nenhum deles conseguia escudar a UNRRA das pressões políticas do novo mundo que estava a ser construído.

— O mundo mudou, Martha. A guerra acabou há dois anos e uma organização que serve para alimentar, alojar e tratar de refugiados perdeu a importância mediática. Dois anos é muito tempo para os políticos. Estados Unidos, União Soviética, França e Reino Unido já não querem saber destas questões humanas. Os refugiados já não têm espaço nas capas dos jornais. A sua prioridade é outra.

— Garantir poder, aliados, armamento e... reforçar os seus exércitos — enumerou Martha.

— Exatamente. A tensão é palpável. Espero estar enganada, mas temo que outra guerra possa estar para breve. E, desta vez, não haverá nazis para

servirem de inimigo comum. Desta feita, haverá duas ideologias completamente antagônicas a lutar pelo domínio do planeta.

Martha sentou-se e inspirou fundo. Estava cansada.

— O ser humano é uma criatura tão idiota... Temos um mundo tão bonito, com tanta coisa boa, tanta gente incrível, e estragamos tudo para... mandarmos nos outros? Termos mais dinheiro? Sentirmo-nos poderosos? Isso serve para quê quando temos de causar sofrimento aos nossos semelhantes?

Susan sorriu na direção da sua jovem amiga.

— O melhor elogio que te posso fazer é dizer que, se o Herbert te ouvisse, ficaria muito orgulhoso.